

PRÉ-FÓRUM MINEIRO DE PSICANÁLISE – O Sujeito na Massa dos Eus

EFBH/iepsi – 24 de abril de 2021

“ OS UNS IGUAIS ”

Regina Pachêco¹

“Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo mundo...

Ele almou? Nós desigualamos.

E sozinhozinho não estou, há-de-o.”

Grande Sertão: Veredas (ROSA, 2015, p. 32).

Qual é a minha expectativa no retorno à leitura deste texto – *Psicologia de Grupo e a Análise do EU* ou, numa outra tradução como a aqui adotada – *Psicologia das Massas e Análise do EU* – em relação ao contexto histórico em que nos encontramos hoje, há um século depois de sua publicação por Sigmund Freud?

Fui buscar no tinteiro o que me foi deixado de escrever e de dizer sobre a experiência significativa com a Análise das Instituições, tendo como base os textos sociais de Freud, em especial, este que nos fará entrar na vida das instituições.

Concordo com o que Eugène Enriquez afirma em sua obra *Da Horda ao Estado*: “[...] parece-nos que ninguém ainda rendeu a homenagem merecida, mesmo se, numa primeira análise, ela se apresenta um tanto desarticulada, com observações fulgurantes, mas nem sempre acompanhadas de uma demonstração rigorosa”.²

¹ Psicóloga. Psicanalista. Membro da EFBH/iepsi. Pós-graduada em Teoria Psicanalítica pela UFMG. Analista Institucional e Especialista na coordenação de Grupos Operativos. Atriz pelo TU-UFMG. Coautora dos livros *Hominização: como fortalecer vínculos grupais nas organizações* (1995) e *Rastros de amor: psicanálise, conto e poesia* (2016).

² ENRIQUEZ, 1990, p. 47.

Neste evento, celebramos o reconhecimento que este texto merece. Vamos esmiuçá-lo à luz da passagem de um século, quando Freud nos possibilitou entrar na vida das instituições e compreender como se dá a natureza dos vínculos sociais delas, como e por que elas funcionam.

Vamos considerar que, desde 1913, em *Tótem e Tabu*, Freud já havia escrito toda a sua especulação filosófica acerca da origem do social e da cultura: a gênese das instituições.

Isso que Freud fala há exatos cem anos é do objeto da psicanálise – qual é esse objeto? A estrutura do sujeito psíquico e seu inconsciente, tal como ele o tem no psiquismo dos doentes, das crianças e dos neuróticos.

Os textos ditos ‘sociais’ de Freud me são significativos, desde 1977, com a inovadora e marcante visão de Célio Garcia e os encontros com Max Pagès, pioneiro da psicossociologia francesa com sua obra *A Vida Afetiva dos Grupos*, um clássico. À genialidade de Célio Garcia, com sua generosidade, amizade e maestria, devemos os vínculos com o movimento institucionalista de estudos, conceitos e estratégias, com base na psicanálise de uma ‘Clínica do social’ atenta para a subjetividade de cada indivíduo, em formações contemporâneas, que porta os ensinamentos de Lacan e que transpôs os limites das Gerais e do Brasil. Além do que, depois veio a se tornar redes internacionais muito ativas.

Aproveito a ocasião para render uma homenagem ao aniversário de um ano de falecimento de Célio Garcia – ocorrido em 29 de abril de 2020.

Tudo resultara num circuito de experiências de formação e supervisões com alguns dos expoentes do movimento de análise institucional como Marisa Sanabria, Pichon Rivière, Armando Bauleo (discípulo de Pichon), Gregorio Baremlitt, entre outros.

Vou usar como referência para desenvolver meu raciocínio o termo ‘grupo’, não como equivalente à massa e à multidão. Pois, esse termo fez parte da leitura que fizemos ao tomar posse desta obra de Freud *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*

para abrir espaço à psicologia individual “[...] se assim reconhecemos que o objetivo é aparelhar o grupo com os atributos do indivíduo”.³

Comungo com o ponto de vista de Eugène Enriquez quando, em sua obra *Da Horda ao Estado*, diz que “estamos frente a três tipos de fenômenos: os processos narcisistas – relativos à psicologia individual; os fenômenos sociais – relativos à psicologia individual, que é ao mesmo tempo uma psicologia social –, nos quais a relação com o outro é estabelecida em número reduzido, como exemplos, as relações familiares, médico e paciente, casal, amigos etc., e os fenômenos de massa – psicologia social com atributos particulares, mas que não pode ser dissociada da psicologia social geral.”⁴

Primeiro, pretendo reafirmar alguns pontos desse texto que me foram marcantes na nossa prática com grupos desde os anos 1980.

³ FREUD, 1921, p. 112.

⁴ ENRIQUEZ, 1990, p. 53-54.

Entidade Grupal

Transformações Psicossociais

- ↑ AFETIVIDADE
- ↑ ÉTICA
- ↑ EMOÇÕES /IMPULSIVIDADE
- ↑ ESPONTANEIDADE
- ↑ CAPACIDADE DE AÇÃO*
- ↑ CRIATIVIDADE / CAPACIDADE DE MUDANÇA
- ↑ ILUSÃO / FÉ

- ↓ PODER DE CRÍTICA
- ↓ CONTROLE / INIBIÇÕES
- ↓ VERDADE *
- ↓ CAPACIDADE INTELECTUAL (LÓGICA)

ESTRATÉGIA: CONTRABALANÇAR ESSES ASPECTOS AMPLIANDO AS CONTRADIÇÕES PARA ENCONTRAR UM ENCAMINHAMENTO QUE SEJA MAIS ENRIQUECEDOR.

A condição alternativa que Freud nos coloca como uma solução para contrabalançar alguns dos aspectos desencadeados pela função grupal trazidos pela formação do grupo é:

O problema consiste em saber como conseguir para o grupo exatamente aqueles aspectos que eram característicos do indivíduo e nele se extinguiram pela formação do grupo, pois o indivíduo, fora do grupo primitivo, possuía sua própria continuidade, sua autoconsciência, suas tradições, e mantinha-se afastado de seus rivais.⁵

Cada vez mais, penso ser essa a condição que mais possibilita a elevação do grupo em termos de produção, do que o esforço de nele introduzir uma organização tal que ‘neutralize’ as manifestações da mente grupal, como defendem McDougall, em seu livro *The Group Mind* (A mente grupal), de 1920, e outros pensadores.

Significa abrir espaço para a ‘Psicologia Individual’, ou seja, fortalecer a horizontalidade através da verticalidade e aplicar a noção de ‘transversalidade de Guattari’. Dessa maneira, é possível ao grupo estabelecer uma consciência histórica grupal, situando-se no tempo e no espaço.

Outro ponto crucial é a hipótese levantada por Freud para a explicação psicológica da alteração mental que é experimentada pelo indivíduo no grupo: a sugestão que, como fenômeno envolvente tal qual a hipnose ou a ‘mana’ sendo um enigma, ele vai buscar por uma via já conhecida pela psicanálise, que é o conceito de Libido para lançar luz à psicologia de grupo.

Libido é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daquelas pulsões que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra ‘amor’.⁶

Só pelo amor (Eros) o indivíduo abandona a sua distintividade num grupo e permite a sugestão – harmoniza com o grupo em vez de se colocar em oposição. A mesma energia – fonte – ela é de destruição, bem como de construção. Ou seja,

[...] a psicanálise nos ensina que todas as tendências constituem expressão das mesmas pulsões de vida e de morte: as relações entre os sexos; esses impulsos forçam seu caminho no sentido da união sexual, mas, em outras circunstâncias, são desviados desse objetivo ou impedidos de atingi-lo,

⁵ FREUD, 1921, p. 112.

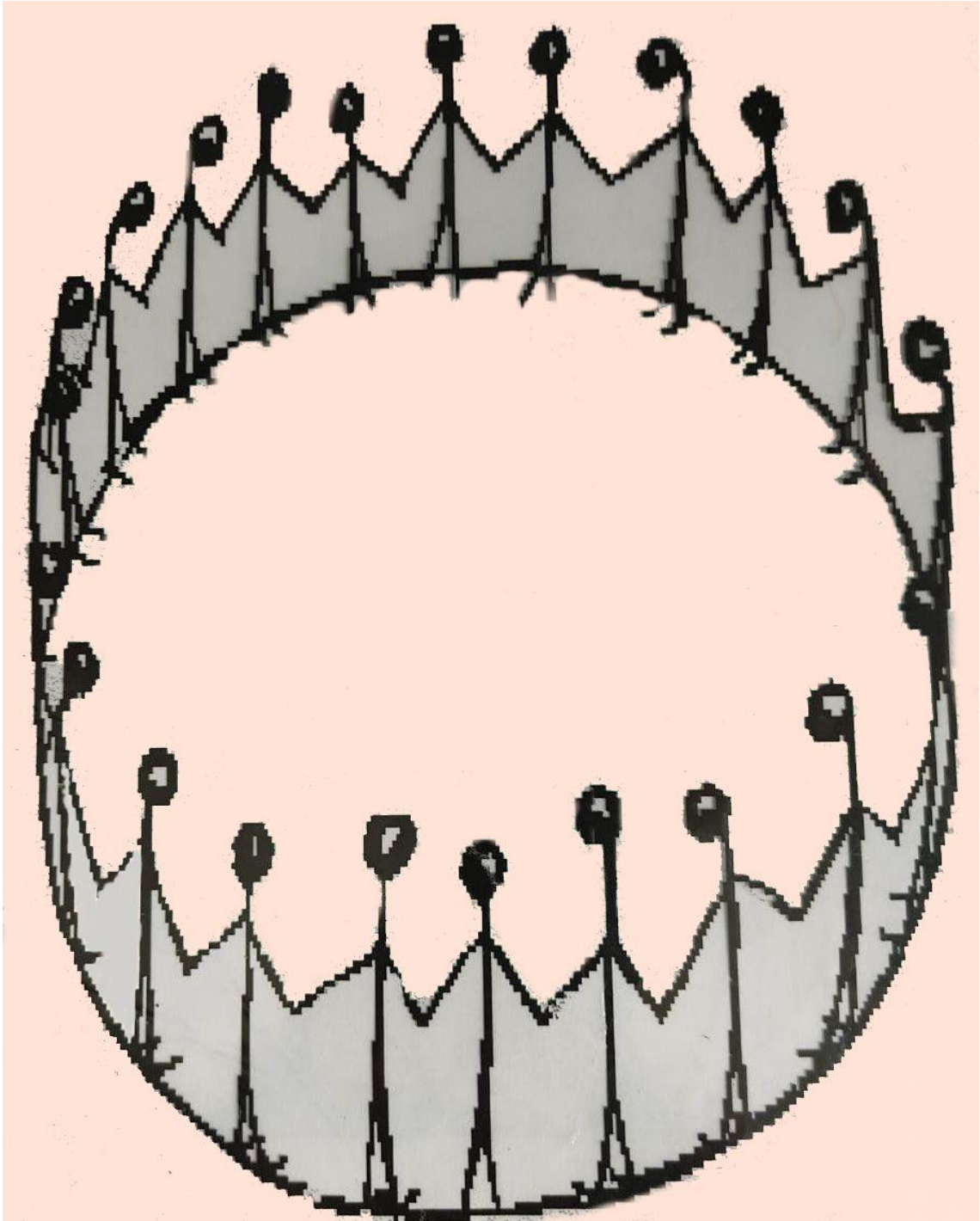
⁶ FREUD, 1921, p. 115-116.

embora sempre conservem bastante de sua natureza original para manter reconhecível sua identidade.⁷

Vou utilizar como imagem a produção de um dos primeiros grupos que trabalhamos no início da implantação de um projeto de análise institucional, que foi nomeado pelo próprio grupo como: “UNS IGUAIS”, que traduz as diferenças individuais, o círculo/roda, os vínculos, o dentro e o fora, os papéis do coordenador e do monitor, ou seja, o esquema corporal do grupo.

⁷FREUD, 1921, p. 116.





Freud nos recorda que os grupos se constituem em tipos muito variados: grupos efêmeros, grupos artificiais ou estáveis – A Igreja e o Exército –, grupos homogêneos ou heterogêneos, grupos com líder, grupos sem líder, grupos naturais...

Segundo ele, a estrutura do grupo é determinada pela natureza da relação com o líder e que os grupos são mantidos por uma força externa que se traduz também pelo tipo de identificação. A existência dessa força externa ou estrutura é que diferencia os grupos. São dois os laços que se estabelecem: o laço de cada membro do grupo com o líder e o laço entre os membros. Além disso, há um ponto nodal na estrutura libidinal dos grupos que é explicado pela distinção da colocação do objeto no lugar de ‘ideal do eu’ ou ‘eu ideal’, que também contribui com a descrição teórica de duas espécies de vínculos que Freud vai explorar neste texto.

A máxima de Freud de que é impossível apreender a natureza de um grupo se se desprezar o líder, que pode ser ocupado por uma ideia, demarca muitas coisas importantes. O sentimento social, assim, se baseia na inversão daquilo que, a princípio, constituiu um sentimento hostil em uma ligação de tonalidade positiva, da natureza de uma identificação.

PROJETO DE HOMINIZAÇÃO – A PSICANÁLISE FORA DO SILÊNCIO DO CONSULTÓRIO⁸

De acordo com Freud, pode-se ampliar para uma certa ‘ciência dos grupos’ que essa obra aponta?

Ressaltado no First International Multi-Disciplinary Congress on Men, jul. 1995, como um ‘modelo brasileiro’ de integrar aspectos pessoais e profissionais para a construção de ‘Uma Psicologia Social’ da singularidade brasileira.

Todos são pontos cruciais que foram extraídos deste texto para a criação da tecnologia de Hominização, ou seja, a prática clínica com os grupos e seus efeitos.

⁸ Projeto criado e realizado em coautoria com Terezinha Sette. À ela meu agradecimento especial!

Termo esse que tomamos de empréstimo a Teilhard de Chardin criador, à época, desse neologismo em seu livro *O Fenômeno Humano, de 1940*.⁹

A proposta, uma intervenção-investigação publicada em 1986, constava de 36 grupos com 662 pessoas dos mais diversos níveis de escolaridade – incluindo analfabetos –, em uma empresa de Minas Gerais. Ampliou-se, em 1995, para cerca de 700 grupos com mais de 10.000 pessoas de diversos níveis socioculturais e dos mais diversos segmentos empresarias do Brasil.

O projeto da Hominização decorre da psicologia institucional de base analítica, já que tem como base a *Teoria dos Grupos Operativos* de Pichon-Rivière¹⁰. O cerne da teoria de Pichon é uma estrutura grupal revolucionária, no sentido de ser triangular, ou seja, a dinâmica do grupo se dá na triangulação: Grupo – Tarefa – Coordenador/Analista de grupo.

Nesse laço do grupo com a tarefa, introduzimos a produção comum. Nossa clínica psicanalítica com grupos vai versar exatamente aí nesse fio condutor, que é a produção grupal, através das noções de razão X afeto (Grupos Operativos) e ação e criação (Hominização).

Um grupo nasce horda humana, um vislumbre de humanidade; e sua grandeza consiste em acreditar nesse vislumbre, só assim pode tornar-se comunidade.

Na máxima de Foulkes, encontra-se um postulado importante e que abre uma perspectiva esperançosa e complexa: que cada membro do grupo aceite e realize não somente a sua individualidade como também a individualidade de todos os seus iguais do grupo.

O desafio da Hominização é fazer uso de um espaço no grupo para caber as diferenças individuais sem destruí-lo.

⁹ Teilhard de Chardin, 1881 a 1955, um dos gênios do séc. XX, jesuíta francês, geólogo e paleontólogo, cientista e místico, pensador e teólogo.

¹⁰ Enrique Pichon-Rivière foi um psiquiatra e psicanalista francês-suíço nacionalizado argentino.

A comunicação que importa como fator de criação e organização é aquela que inclui os segredos, o ruído, a desordem, o tropeço, enfim, o aleatório. É o inconsciente ‘institucional’ que ultrapassa a noção de inconsciente grupal, dando passagem à produção desejante do grupo.

Também buscamos, separadamente ou não, outros caminhos do saber para idealizar a nossa práxis com a Hominização: o teatro, a poesia, a música e a técnica corporal. As tarefas que permitem o intercâmbio corporal merecem um aparte, pois, acrescenta uma série de rendimentos ao esquema corporal do grupo que, perpassando pelo corpo erógeno dele, contribui para fazer saltar outra palavra de ação do grupo.

Lacan quando trata do Desejo, a vida e a morte, em *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, diz que a experiência moderna despertou de uma longa fascinação pela propriedade da consciência, e considera a existência do homem na estrutura que lhe é própria, a do desejo. Eis o único ponto, a partir do qual se pode explicar que haja homens: “Não homens enquanto rebanho, porém homens que falam, com esta fala que introduz no mundo algo que pesa tanto quanto o real todo.”¹¹ Entrada no mundo do homem criador!

Tratamos os grupos como o lugar onde é possível propiciar as diferenças dos Uns Iguais. É no reconhecimento das diferenças que se pode reencontrar nelas a igualdade – no sentido da união e da equitatividade de direitos – mas não no sentido da uniformidade, nem da identidade, nem da equivalência como bem prefaciou Gregório Barenblitt em nosso primeiro livro de 1986.

Proposta que se desenvolveu num lugar marcado, atravessado e ‘transversalizado’ por determinações muito concretas e específicas: a empresa.

Um grupo sempre enuncia um mais além que pode ser escutado ou omitido; na enunciação está sua potencialidade transformadora, um desencadeador de efeitos, como um espaço transgressivo, lugar em que se introduz uma trama complexa e multifacetada de determinantes institucionais, ideológicos, econômicos e políticos.

¹¹ LACAN, 1950-1952, p. 304.

Grupo como um espaço aberto, intermediário, circunscrito entre a psicologia individual e a multidão ou massa. Um dos pontos que norteia a nossa ideia de operação de pequenos grupos como o meio de potência, o entre. A deixa assinalada por Freud na obra referência deste evento. É importante frisar a afinidade com a teoria e prática de cartel, introduzido por Lacan, que passei a conhecer e vivenciar posteriormente.

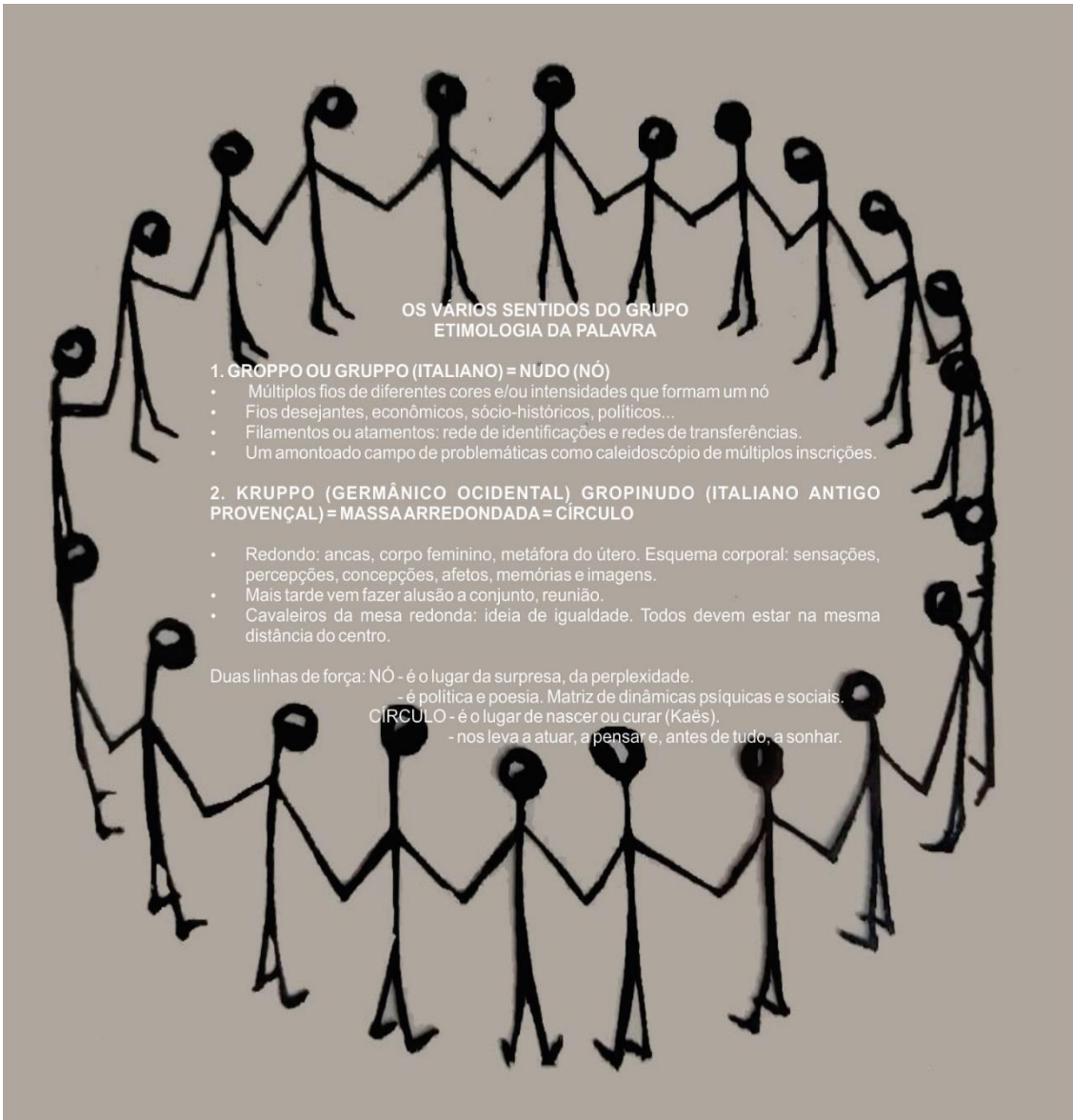
Para falar dessa experiência, vale a pena voltar no tema da desalienação que acontece no processo grupal, determinada pela estrutura de transferência triangular da relação com o coordenador e o monitor. Oportunidade de “desmistificação dos papéis de poder, estes mistificados pelo modelo social e mantidos cristalizados para garantir a maior defasagem entre as classes sociais, facilitando assim a massificação da diferenciação humana, via repressão do desejo e, portanto, estabelecendo a perpetuação do modelo autoritário”.¹²

Bem, a fala é livre e cada participante-membro se expressa como convém ao seu sentimento e percepção, porém seguimos uma sequência/regra de fala, estratégia que adotamos como num ritual, em que se exercita a lenda dos *Sete Sábios da Grécia* e o ‘objeto taça’ que passo a contar para vocês.

Encontramos em Daniel Sibony, *Le Group Inconscient*, esta ligação entre a formação do grupo e a emergência do objeto: o grupo em questão é o dos ‘sete sábios da Grécia’, e o objeto é uma taça de ouro, que chega não se sabe de onde (de origem, sem dúvida, divina) e que deve ser atribuída ao ‘mais sábio’. Nas narrativas ela é frequentemente atribuída a Tales, que cede a um outro, o qual ele reconhece como o mais sábio; este cede a um terceiro, e assim sucessivamente.

E o rastro do objeto se fecha fazendo a volta até o primeiro, já que o sétimo sábio retorna a taça a Tales, que de imediato a consagra ao Deus Apolo. Desta forma, o grupo dos sete sábios é um círculo, ou um ciclo que se fecha com a recusa (a taça como o saber).

¹² PACHÊCO; SETTE, 1995, p. 87-88.



**OS VÁRIOS SENTIDOS DO GRUPO
ETIMOLOGIA DA PALAVRA**

1. GROppo OU GRUPPO (ITALIANO) = NUDO (NÓ)

- Múltiplos fios de diferentes cores e/ou intensidades que formam um nó
- Fios desejanates, econômicos, sócio-históricos, políticos...
- Filamentos ou atamentos: rede de identificações e redes de transferências.
- Um amontoado campo de problemáticas como caleidoscópio de múltiplos inscrições.

2. KRUPPO (GERMÂNICO OCIDENTAL) GROPINUDO (ITALIANO ANTIGO PROVENÇAL) = MASSA ARREDONDADA = CÍRCULO

- Redondo: ancas, corpo feminino, metáfora do útero. Esquema corporal: sensações, percepções, concepções, afetos, memórias e imagens.
- Mais tarde vem fazer alusão a conjunto, reunião.
- Cavaleiros da mesa redonda: ideia de igualdade. Todos devem estar na mesma distância do centro.

Duas linhas de força: NÓ - é o lugar da surpresa, da perplexidade.
- é política e poesia. Matriz de dinâmicas psíquicas e sociais.
CÍRCULO - é o lugar de nascer ou curar (Kaës).
- nos leva a atuar, a pensar e, antes de tudo, a sonhar.

Espaço-potência, eixo no qual inserimos o diálogo entre arte, imagem e o discurso da psicanálise que ilumina o percurso do nosso trabalho clínico com os grupos.

Atuamos nesta área-potência, que é a da energia verdadeiramente humana do possível, capaz de reconstruir as relações grupais/institucionais que Winnicott traz em *O Brincar e a Realidade*: “a terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de ‘experimentação’, para a qual constitui tanto a realidade interna quanto a vida externa.”¹³

Winnicott nos ensina ser essa uma área que não é disputada por ninguém, já que ela existe como um lugar de repouso na perpétua tarefa de existir, mantendo as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas. A ele devemos o conceito de ‘objeto transicional’, fundamental no jogo permitido ao bebê, uma substância da ilusão-desilusão deste e que, na vida adulta, é inerente à arte e à religião.

E, Winnicott também acrescenta que o natural é o brincar, e o fenômeno altamente aperfeiçoado do séc. XX é a psicanálise. E que, para o psicanalista, não deixa de ser valioso, que se lhe recorde constantemente não apenas aquilo que é devido a Freud, mas também o que devemos à coisa natural e universal que se chama brincar.

Em 1953, Jacques Lacan disse que deveria renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguisse alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Como a maioria dos colegas, eu tenho feito um esforço para tirar de dentro do tinteiro a subjetividade de nossa época, que pode e deve ser falada e escrita para ajudar a alcançar uma releitura desta obra sob um novo olhar das instituições atuais. Embora eu já esteja fora de muitas delas, faço parte da Escola Freudiana de Belo Horizonte/iepsi, a qual tenho a honra de representar e de oferecer essa pequena contribuição.

Claro, me refiro também as várias instituições que atravessaram a minha vida e a dos meus pacientes. No meu caso, saí do espaço da psicanálise social, das instituições – do fora do divã – para o espaço do consultório, da clínica individual do um a um.

¹³ WINNICOTT, 1975, p. 15.

Avanços e recuos da história é preciso, para refletir sobre a aridez deixada pela denominação ‘Recursos Humanos’, com a qual passou-se a nomear as pessoas dentro das organizações... e alastrou-se por todas as instituições, desde as empresas privadas às públicas, na educação, na saúde, e, até mesmo, na academia. Sendo assim, instalou-se uma forma de sofrer comum nas instituições. A gestão do sofrimento se tornou uniforme em todas as organizações e instituições. Nomear o espaço e o trabalho dos psicólogos, pedagogos, sociólogos, assistentes sociais etc., nas organizações, como gestão de Recursos Humanos. Quem são os que sofrem no trabalho, assim como quem cuida deles? Como são nomeados? E o que pode significar? “*Gente, não é um recurso.*”¹⁴

Para finalizar, vou pontuar aqueles aspectos que estão nas entrelinhas deste texto: os vazios e as questões deixadas por Freud no Pós-escrito.

Separei dois aspectos que me parecem mais promissores hoje: o primeiro, é que sua indagação nesta obra lhe parece provisória. Há numerosos caminhos laterais que evitou de seguir, mas que podem, nestes tempos obscuros, oferecer-nos promessas de compreensão outras. E o segundo, é que a criação é o mito do herói – o poeta que dera o passo – indo para o mundo e libertando-se do grupo em sua imaginação, retorna para contar ao grupo as suas aventuras. Assim sendo, o ponto essencial do desenvolvimento mental da humanidade pode ser possível através da arte, por meio da qual o indivíduo emerge da ‘Psicologia de Grupo’ e funda a psicologia individual.

Para desenvolver princípios sobre o líder identificados nessa obra, que possam contribuir para uma outra reflexão sobre uma Psicologia Social da singularidade brasileira, termino por mencionar um diálogo recortado de Grande Sertão: Veredas:

“– *Raciocinei isso com compadre meu Quelemém, e ele duvidou com a cabeça:*

– *Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho...*”¹⁵

“– *O senhor sabe? Já tenteou sofrido o ar que é saudade? Diz-se que tem saudade de ideia e saudade de coração... Ah.*”¹⁶

¹⁴ Artigo de minha autoria, publicado no Caderno Pensar do jornal *Estado de Minas*, em 15 de junho de 2002.

¹⁵ ROSA, 2015, p. 59.

¹⁶ ROSA, 2015, p. 34-37.

“– Moço: toda saudade é uma espécie de velhice.”¹⁷

“– Olhe: o que devia de haver era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção – proclamar por uma vez, artes assembleias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode, Valor de lei! Só assim, davam tranquilidade boa à gente.

– Por que o Governo não cuida?!

– Ah! Eu sei que não é possível. Não me assente o senhor por beócio.”¹⁸

¹⁷ ROSA, 2015, p. 4.

¹⁸ ROSA, 2015, p. 25-26.

REFERÊNCIAS

CHARDIN, Teilhard de. *O Fenômeno Humano*. São Paulo: Cultrix, 1986.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da Horda ao Estado – psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

FREUD, Sigmund. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). In: _____. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 89-179. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1950-1952). 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PACHÊCO, Regina. *Gente não é um recurso*. Estado de Minas, Belo Horizonte, 15 jun. 2002. Caderno Pensar.

PACHÊCO, Regina; SETTE, Terezinha. *Hominização – como fortalecer vínculos grupais nas organizações*. 2. ed. revisada e atualizada. Rio de Janeiro: M. Vianna, 1995. *Hominizar-se: projeto e técnicas grupais*. Belo Horizonte: Mazza, 1986.

PAGÈS, Max. *A Vida Afetiva dos Grupos*. São Paulo: Vozes, 1976.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.